

CERÂMICA MEDIEVAL DAS ESCAVAÇÕES NO CASTELO DE AROUCA ENSAIO DE ANÁLISE MORFOTIPOLOGICA¹

António Manuel S. P. Silva²

Manuela C. S. Ribeiro³

ABSTRACT

The paper presents the first results of a study which is being carried on with an assemblage of medieval ceramic sherds proceeding from 1994-96 digs at Valinhas' castle, Arouca. Aspects related to pots' forms and decorations are discussed, and a preliminary account describes several forms such as jars, storage pots, jugs, bowls, and dishes of different sizes. A chronology between 9th-10th and the 12th centuries is proposed for these ceramics.

Situa-se o monte de S. João de Valinhas na freguesia de Santa Eulália, concelho de Arouca, distrito de Aveiro. Ocupa um relevo em *raquette*, com a cota altimétrica máxima de 448 metros (Fig. 1), sendo o topo constituído por diversos conjuntos de "caos de blocos" graníticos (Fig. 3). A sua implantação orográfica e o amplo domínio visual que disfruta sobre o vale de Arouca (Fig. 2) propiciaram desde a antiguidade a fixação de comunidades humanas, à semelhança do que sucedeu em muitos outros castros e castelos do Norte do nosso País.

Em Valinhas há vestígios arqueológicos que atestam a existência de um importante povoado castrejo, com ocupação provável desde o Bronze Final, que foi depois romanizado e perdurou até aos finais do Império. A última fase de ocupação é medieval e relaciona-se com a implantação do castelo (Silva 1994; 1995; 2004; Silva; Ribeiro 1999).

Os trabalhos arqueológicos nesta estação iniciaram-se em 1988 e contaram com campanhas anuais até 1997, altura em que as intervenções foram interrompidas, tendo sido retomadas em 2002, no âmbito do projecto de investigação PAIVAR (Silva 2003), e continuando desde então com campanhas anuais.

¹ Este tema foi inicialmente objecto de um *poster* nas 4^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval realizadas em Tondela no ano de 2000, tendo sido o texto correspondente entregue posteriormente para as respectivas actas, cuja publicação vem tardando demasiado. O texto que agora se dá à estampa revê e altera ligeiramente a versão original do estudo, tendo sido feitas diversas correcções e actualizações no que respeita à bibliografia, paralelos formais e à própria datação do conjunto cerâmico analisado, agora mais afinada em resultado da continuidade dos trabalhos arqueológicos no sítio e à obtenção de algumas datações por radiocarbono.

² Centro de Arqueologia de Arouca. Gabinete de Arqueologia Urbana da C. M. Porto.

³ Centro de Arqueologia de Arouca. Gabinete de Arqueologia Urbana da C. M. Porto.

DO CASTELO ROQUEIRO AO CASTELO DA TERRA DE AROUCA

O primeiro registo documental a um local fortificado no Monte Valinhas parece remontar à referência a um *castro* nas imediações de Romariz⁴, numa delimitação de propriedades do mosteiro de Arouca no ano de 951⁵. Nova alusão ao castelo de Valinhas data de 1062⁶ (Almeida 1978:30), sendo o sítio mais explicitamente citado como *Castro Arauca* em 1080⁷, se bem que seja apenas em 1092 e em 1119, ao mencionarem-se, respectivamente, um casal “*de mandamento de illo castello*”⁸ e propriedades “*in Sancti Iacobi subtus castellum*” (Coelho 1988:202)⁹, que figura como *castellum*, substantivo com que nesta época se designavam correntemente as fortificações que chefiavam as “terras” (Silva 1995; Silva; Ribeiro 1999; Silva 2004).

Numa primeira fase de implantação, durante o período da Reconquista, provavelmente no séc. IX, ter-se-á instalado no cabeço superior do monte um pequeno castelo roqueiro, aproveitando as penedias do “caos de blocos” (Figs. 3 e 4), frequentemente incorporadas nas linhas defensivas, como é notório pelos desbastes, entalhes e mesmo negativos de assentamento de silhares que ainda se podem ver em diferentes blocos graníticos. Das suas estruturas, de que há apenas indícios, constariam provavelmente uma cerca de pedra e eventuais construções em madeira, de natureza defensiva ou habitacional. Este castelo terá tido nos tempos da Reconquista significativa importância militar, em razão do estado de permanente tensão com os muçulmanos, fruto de uma longa oscilação da linha de fronteira e das incursões de ambos os campos, de que deixaram fama as razias de Almansor, pelos finais do séc. X.

De castelo dependente, de carácter local, inserido na grande *ciuitas* e *territorio* de Anegia (Lima 1993, 1999), a fortaleza de Valinhas, porventura associada ao mosteiro beneditino que no vale ganhava progressiva expressão, tornar-se-ia, com a fragmentação das *ciuitates* em *terras*, verificada na segunda metade do século XI, no ambiente de um novo quadro militar e político-administrativo, cabeça da *terra de Arauca*, entidade que emerge documentalmente em 1054¹⁰.

Todavia, e à semelhança do que sucede em outras fortificações do curso terminal da bacia do Douro (Lima 1993:242-3), o Castelo de Arouca não mostra, apesar da centralidade administrativo-militar que assumiu, quaisquer indícios das transformações arquitectónicas correntes na maioria dos castelos românicos (Barroca 1991:120-1; Lima 1993:236; 1999:405), se bem que possa ter possuído uma torre, que aproveitaria talvez a base do vasto batólito que constitui o ponto de cota máxima no cabeço.

Na segunda metade do séc. XII, afastada nesta região a ameaça muçulmana e com a progressiva desfuncionalização da divisão administrativa das “terras”, agora remetidas à esfera civil (Lima 1993:221), o castelo arouquense deverá ter entrado em declínio, desconhecendo-se por completo em que circunstâncias terá sido definitivamente abandonado.

OS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS; O CONJUNTO CERÂMICO

Na área do topo do castelo, designada convencionalmente como Sector A, tiveram lugar até ao ano de 1997 quatro intervenções arqueológicas. A primeira, em 1988, visou apenas a limpeza superficial dos derrubes e um reconhecimento preliminar do terreno. Entre os anos de 1994 e 1996 efectuaram-se sondagens arqueológicas, que incidiram numa superfície de perto de 50 m² (Fig. 4), se bem que não tenham atingido o substrato natural.

Para além dos entalhes de assentamento dos blocos da cerca defensiva, os trabalhos

⁴ Lugar da freguesia do Burgo, um pouco a Sul do Monte Valinhas.

⁵ *P.M.H.* – *Dipl. et Chart.*, nº 63.

⁶ *P.M.H.* – *Dipl. et Chart.*, nº 432.

⁷ *P.M.H.* – *Dipl. et Chart.*, nºs 576, 922, 923, 927, 947.

⁸ *P.M.H.* – *Dipl. et Chart.*, nº 779.

⁹ Para as referências documentais que referem o *Castro Arauca* e o Castelo, vejam-se Fernandes 1965; Fernandes; Silva 1995 e Silva, F. 1999.

¹⁰ *P.M.H.* – *Dipl. et Chart.*, nº 392. Cfr. Lima 1999:402,405 e Lima 2004:330-2.

arqueológicos revelaram essencialmente a sobreposição de potentes níveis de derrube, que ultrapassam um metro de espessura, o primeiro dos quais com nítidos vestígios de incêndio. As parcas estruturas identificadas relacionam-se com uma lareira, uma fossa de função indefinida e um pequeno tramo de murete delimitador ou defensivo. Numa plataforma a Nascente, no sopé do castelo (Sector B), foi localizada uma área oficial de metalurgia do ferro, provavelmente associada à fortificação (Silva *et al.* 2000; Silva 2004).

Proveniente dos trabalhos arqueológicos referidos no topo do castelo encontra-se disponível para estudo um espólio vasto e diversificado, largamente dominado pelo ceramológico, contando cerca de 16.000 fragmentos, quase exclusivamente de olaria doméstica. Entre os outros achados destacam-se uma significativa colecção de objectos metálicos em ferro, designadamente pregos, lâminas de facas, pontas de seta e de virote, uma fivela, etc. (Silva; Ribeiro 1999; Silva 2004), e cerca de dois milhares de restos osteológicos de diferentes espécies animais (Moreno-García 2004).

A cerâmica aqui analisada resulta essencialmente das sondagens realizadas entre 1994 e 1996, não sendo quantitativamente relevantes as recolhas provenientes dos trabalhos de limpeza superficial efectuados em 1988 ou os achados de superfície.

Os materiais das três campanhas mencionadas procedem de quatro distintos contextos estratigráficos: as camadas (00), (00a), (01) e (02)¹¹. A camada (00) corresponde à camada humosa superficial e ao topo dos primeiros derrubes, enquanto o contexto (00a) se caracteriza pelo enchimento de uma antiga vala de violação que perturbou parte da área escavada, ocasionando remeximentos e misturas de materiais dos níveis (01) e (02). Interessam por isso sobremaneira à estratigrafia do sítio as camadas ou contextos (01) e (02).

A camada (01), composta por terras negras, finas e pouco compactas, com muitos carvões e pedras, exhibe nítidos vestígios de incêndio, podendo interpretar-se como uma camada de derrube e abandono do castelo. No topo da camada (02) foi identificado um nível de ocupação, representado por duas estruturas, uma singela lareira delimitada por um círculo de pedras miúdas e uma pequena fossa de planta subcircular e pouca profundidade, também delimitada por pedras, cuja função não pôde apurar-se. A camada (02), de terras castanhas claras, finas e relativamente soltas, com numerosas pedras, restos de ossos de animais e abundante espólio, tanto cerâmico como metálico, constituirá globalmente uma outra camada de derrube e abandono de uma ocupação anterior que ainda carece de definição.

Não é este o momento para discutir em detalhe a natureza e a cronologia do Castelo de Arouca. Para além dos vestígios arquitectónicos já referidos, relativamente comuns em fortificações deste género e época, a elevada quantidade de espólio, quer no que se refere às cerâmicas, quer aos metais, e mesmo a abundância da arqueofauna, parecem sugerir não tanto a utilização do castelo em momentos pontuais por parte de uma pequena guarnição, mas antes estadias mais demoradas, porventura até com carácter permanente e doméstico, para o que concorrem os indícios da prática da fição da lã ou do linho, documentada pelo achado de diversos cossoiros em cerâmica.

Assim, pese embora a aparente homogeneidade do espólio, parece verificar-se significativo desfasamento cronológico entre o nível de abandono (02), a ocupação ilustrada pela lareira e pela pequena fossa, e o posterior estrato de derrube/abandono correspondente ao contexto (01). Os dados resultantes de duas datações de radiocarbono entretanto efectuadas, parecem sugerir que a camada (02) poderá corresponder aos séculos IX ou X, enquanto o abandono definitivo do sítio (camada 01) terá ocorrido no séc. XII¹². Seja como for, não é propósito deste primeiro artigo sobre

¹¹ A metodologia de escavação então utilizada consistiu na decapagem dos depósitos por “complexos” (posteriormente designados por “Unidades Estratigráficas”), sequenciados de acordo com as camadas naturais.

¹² Análises feitas no Instituto Tecnológico e Nuclear (Lisboa), em 2006, por A. M. Monge Soares e Maria de Fátima Araújo. Deve considerar-se este intervalo cronológico como uma proposta preliminar, uma vez que as datas obtidas são ainda escassas e carecem de análise conjunta com aqueles investigadores.

as cerâmicas do castelo a sua apreciação numa perspectiva diacrónica.

A cerâmica recolhida é constituída na sua quase totalidade por fragmentos de olaria doméstica, usada para guardar, preparar ou servir alimentos. Ocorrem também, em todas as camadas, diversos cossoiros, algumas patelas de jogo e fragmentos de material de construção, nomeadamente telha de canudo, elementos aliás com pouca representação estatística.

O número de fragmentos cerâmicos recolhidos nas intervenções de 1994-1996 é, em números arredondados, de 2.400 na camada (00), 3.300 na camada (00a), 4.800 na camada (01) e 4.600 na camada (02), cuja escavação não foi ainda concluída.

METODOLOGIA DE ABORDAGEM

Os materiais cerâmicos foram objecto de lavagem e referenciação individualizada, salvo os restos de cerâmica de construção e a maior parte dos fragmentos de pequena dimensão (< 15 mm), que apenas foram lavados.

Se bem que a possibilidade de colagens, e mesmo de reconstituição parciais, pareçam ser elevadas, não houve ainda condições para as realizar de forma sistemática, tendo sido apenas feitas triagens pontuais em algumas unidades estratigráficas, integrantes das camadas (00a), (01) e (02), com vista à reconstituição de algumas formas, que são as que, na sua maior parte, ilustramos neste e noutros trabalhos (Silva; Ribeiro 1999; Silva 2004).

Deste modo, foi feito um ensaio de quantificação dos fragmentos cerâmicos, distribuídos por Unidade Estratigráfica (UE) e grandes grupos morfológicos (bordos, asas, fundos e panças) que englobou todos os materiais da camada (02) e uma amostragem significativa¹³ dos provenientes da camada (01). No entanto, todas as restantes cerâmicas desta camada, assim como as dos contextos (00) e (00a), foram examinadas individualmente, com vista à detecção de eventuais formas ou decorações que porventura estivessem ausentes nos contextos objecto de estudo.

O trabalho de quantificação, desenvolvido na linha da metodologia proposta no “protocolo Beauvray” (Arcelin; Tuffreau-Libre 1998), limitou-se assim à análise do número de fragmentos, não tendo ainda sido contabilizado o “nº mínimo de peças” pelo facto de não se terem efectuado as necessárias colagens.

A distribuição morfotipológica, porém, não se limitou ao registo do número de ocorrências entre os grandes grupos de bordos, asas, fundos ou panças. De uma forma empírica e talvez ainda pouco estruturada, foram-se definindo e contabilizando os diferentes tipos e variantes à medida que se identificavam no processamento dos materiais, tendo-se atingido um elenco de 11 tipos de bordos, 6 tipos de asas, 9 variantes de fundos e 18 conjugações de técnicas e motivos ornamentais nas panças que exibiam decoração. Foram também quantificados os restos de cerâmica de construção, bem como cossoiros, patelas e outros elementos.

Tratando-se de uma abordagem assumidamente preliminar e experimental, não se procurou para já definir uma tipologia estruturada de morfotipos de fragmentos, havendo mesmo necessidade de pontualmente secundarizar certos detalhes distintivos para evitar uma excessiva e prejudicial diversificação dos “tipos”. Buscou-se apenas efectuar uma primeira leitura, a um nível geral, da variedade das formas e das decorações, apreendendo ao mesmo tempo quais as mais raras ou recorrentes, até para, eventualmente, facilitar a analogia com espólios cerâmicos de estações congéneres. Por outro lado, se bem que desde o início tenha ficado clara a impossibilidade de associar a maior parte dos tipos de bordos, asas ou fundos a uma forma precisa, por falta de reconstituições, a triagem realizada facilitará sem dúvida a continuidade da investigação.

Uma segunda fase de estudo destas cerâmicas, para além de avançar mais sistematicamente na reconstituição formal das peças, procurará distribuir os fragmentos por grupos de pastas, ou

¹³ Aleatória no que se refere à selecção das unidades estratigráficas.

“fabricos”, distinguindo as cozeduras redutoras das oxidantes¹⁴, e as pastas em função da sua granulometria, textura, inclusões e outros elementos, observados por análise macroscópica¹⁵.

Foi também efectuado um ensaio de análise pelo método da espectrometria de fluorescência de raios X (FRX) às pastas cerâmicas de 17 fragmentos de Valinhas, provenientes de diversos contextos de todas as camadas, permitindo já distinguir vários grupos de composição química, que todavia não é ainda possível aproximar de outras produções ou locais de origem de matéria-prima, por falta de análises de barreiros próximos da estação e contextos arqueológicos similares. Os resultados parecem demonstrar, de qualquer forma, uma grande homogeneidade de composições químicas das pastas, sugerindo a sua origem num quadro local ou regional¹⁶.

PRIMEIROS RESULTADOS

O conjunto de cerca de 7.000 fragmentos cerâmicos sobre os quais incide este estudo preliminar corresponde, como pode ver-se pelo quadro seguinte, à totalidade dos materiais da camada (02), cuja distribuição quisemos comparar com a da camada (01), tendo sido observada desta última uma amostragem que entendemos plenamente representativa, correspondente a 50 % das cerâmicas da camada¹⁷.

Quadro I
Distribuição morfo-tipológica do espólio cerâmico quantificado

Camada (02)											
Bordos		Asas		Panças		Fundos		Cossoiros /patelas		Material de construção, etc.	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
251	5.4	59	1.3	3.864	83.4	412	8.9	8	0.2	40	0.9

Contabilizadas as UE 079, 080, 098, 110, 111, 117, 134, 136, 145, 160 e 168

Nº frags. - 4.634

Camada (01)											
Bordos		Asas		Panças		Fundos		Cossoiros /patelas		Material de construção, etc.	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
145	5.9	52	2.1	1.990	81.4	223	9.1	5	0.2	30	1.2

Contabilizadas as UE 076, 081, 093, 094 e 097

Nº frags. da amostragem - 2.445 (50.1% do total da camada)

Não sendo oportuno, até pelo seu carácter experimental, publicar de momento a distribuição detalhada dos materiais por cada um dos 44 “tipos” definidos dentro de bordos, asas, fundos e panças, poder-se-ão ainda assim adiantar algumas considerações gerais.

¹⁴ Na verdade, se bem que tal informação não tenha sido quantificada, parece verificar-se nas cerâmicas observadas um predomínio das peças com cozeduras oxidantes, de que resultaram superfícies com colorações variáveis entre o bege, o acastanhado e os tons alaranjados.

¹⁵ Casos práticos desta metodologia, com conjuntos cerâmicos de diferentes cronologias, podem analisar-se em Fontes; Regalo 1997; Teixeira; Dordio 1998; Barreira et al. 1998 e Castro 1998.

¹⁶ Estas análises foram realizadas no Laboratório da TecMinho (Guimarães), sob a direcção de Fernando Castro, no âmbito do PROCEN/Projecto de Estudo da Cerâmica do Norte de Portugal (sécs. XII-XX). Sobre a metodologia utilizada ver por exemplo Castro 1998.

¹⁷ No conjunto, considerando todos os fragmentos de cerâmica doméstica provenientes da estação, os materiais examinados para este trabalho representam cerca de 44% de todo o espólio disponível.

O Quadro I, para além do evidente paralelismo da distribuição dos materiais entre ambas as camadas, demonstra a quase exclusividade do vasilhame de uso doméstico, com cerca de 99% das cerâmicas nos dois contextos. Para além de algumas patelas discóides, porventura de jogo, e de mais de uma dezena de coeiros perfurados ligados à fiação, cujo significado no âmbito da ocupação do sítio já salientámos, ocorreram pouco mais de meia centena de fragmentos de cerâmica de construção, ordinariamente muito pequenos e rolados, parecendo corresponder a *imbrices* ou telha de canudo similar, se bem que se tenha também identificado um pequeno pedaço de *tegula*. Estes elementos poderão articular-se com os telhados de quaisquer construções que tenham existido na área do castelo, podendo a presença de ruínas tardo-romanas a poucos metros ter propiciado também o reaproveitamento daqueles materiais de cobertura.

Os bordos constituem um grupo de grande variabilidade, quer no que se refere às dimensões, quer no que concerne à orientação e acabamento do lábio, predominando os extrovertidos – arredondados, lisos e muitas vezes com um pequeno ressalto externo – sobre os rectos. Bastante mais incomuns são os bordos com aba horizontal, providos de moldura ou com uma aba ou cordão imediatamente sob o lábio, como o do pote que ilustramos neste trabalho (Fig. 11, nº 3). De um modo geral, não é possível relacionar os diferentes tipos de bordo com formas específicas, se bem que devam pertencer a panelas (Figs. 5 e 11 – nºs 1 e 2) a maior parte dos bordos extrovertidos, de terminação lisa ou arredondada, com curvatura pronunciada, enquanto alguns bordos grossos, de paredes rectas e lábio alisado, dão a impressão de poder vir a casar bem com muitos alguidares de fundo em disco sobre os quais discorreremos adiante.

Talvez o tipo de bordo que melhor prenuncia a forma respectiva é o de boca trilobulada ou trilobada, correspondendo a um género de jarros ou pichéis bem documentados nesta época (Fig. 12, nº 1). A proporção deste tipo entre os bordos varia entre os 13.5% na camada (02) e os 9 % na camada (01), oscilação pouco relevante, se bem que adequada à tendência verificada noutras estações, que sugere esta forma como um modelo algo arcaizante, como adianta Miguel Rodrigues (1994:73) a propósito das cerâmicas medievais de Torre de Moncorvo. A presença de um lóbulo ou bocal para verter os líquidos é a característica que permite reconhecer este tipo de peças, mas a consideração das suas dimensões e espessuras, muito diversificadas nos contextos que observámos, faz antever uma grande variabilidade de tamanhos e, por certo, também de decorações no colo ou no bojo, não devendo a peça que aqui ilustrámos constituir talvez o modelo mais representativo deste género de recipientes em Valinhas.

Entre as asas, dominam largamente as de secção em fita sobre as de rolo, que na camada (02) constituem 10.2% do total dos elementos de preensão, reduzindo-se a 3.8% na camada (01). Por vezes, as asas de fita, que deviam ter aplicação em formas diversificadas, talvez com destaque para os jarros, apresentam moldura incisa ou mesmo relevada, e sobretudo os conhecidos golpeamentos com punção (Fig. 8), cuja percentagem parece aumentar da camada (02) (10.2%) para a (01), onde chega aos 19.2%. As asas de rolo, por sua vez, ordinariamente lisas, exibem quase sempre diâmetros reduzidos, ligando-se a peças de pequeno volume.

No que respeita aos fundos, sempre planos, a tipologia é bem menos diversificada, pois com excepção de uma única peça que aparenta constituir um pé, só os fundos em disco (Figs. 9 e 12, nº 2) se destacam entre as bases, correspondendo aliás a um género de alguidares para cujo catálogo o Castelo de Arouca poderá vir a dar contributo de algum apreço, tendo em conta a quantidade em que ocorrem. Efectivamente, os fundos em disco, salientes em relação ao alinhamento das paredes dos vasos, registam, entre os materiais observados, um total de 49 fragmentos, representando 7.6% dos fundos na camada (01) e 8.3% na (02)¹⁸.

Trata-se, no geral, de peças de razoável espessura, com a aba do fundo bem saliente para dar maior estabilidade às peças, que deverão ser de média ou relativamente grande dimensão. As abas podem aparecer sem qualquer decoração ou, como é frequente, com decoração digitada ou

¹⁸ No total dos materiais cerâmicos do sítio contamos com cerca de 70 fragmentos deste género de fundos.

puncionada sobre o ângulo superior do disco. Algumas peças exibem uma perfuração, certamente para verter líquidos. Como sucede com o exemplar ilustrado (Fig. 12, nº 2), ocorrem por vezes decorações internas relevadas, obtidas pela aplicação de cordões, as mais das vezes em disposição radial, registando-se também um caso – não nos contextos agora estudados – com os mesmos cordões dispostos em cruz, ligados por um medalhão central.

Por fim, alinhemos também algumas ideias sobre a técnica e estilo ornamental do corpo dos vasos. A proporção dos fragmentos de pança que exibem decoração é reduzida, se bem que similar em ambas as camadas, em torno dos 17%. Daqui não pode inferir-se, naturalmente, que apresentassem decoração 17% dos vasos de Valinhas, pois há que ter em conta a presença de muitas peças lisas, como as formas abertas tipo prato (Fig. 10), bem como a proporção da parte decorada dos recipientes, que certamente deveria variar significativamente, concentrando-se quer no bojo dos vasos, quer no colo.

A aplicação de cordões plásticos, em disposição horizontal na sua quase totalidade¹⁹, é uma das matrizes ornamentais mais recorrentes, representando 12.5% dos fragmentos de pança na camada (02) e 9.8% na camada (01). Na esmagadora maioria dos casos os cordões, normalmente pouco espessos, são animados por marcas digitadas (Fig. 7), pela impressão de matrizes circulares ou ovais ou tratados de forma que lhes confere um aspecto “cordiforme” (Fig. 6), passe a redundância. Mas surgem também cordões lisos, arredondados, achatados ou de terminação biselada.

A que tipo de peças corresponderão estes fragmentos de pança com cordões? Alguns dos cordões anelados, aplicados no colo dos recipientes, estarão por certo ligados aos jarros (Fig. 12, nº 1), aliás com paralelos noutras estações. É possível, também, que certos alguidares de fundo em disco – dos quais não conseguimos ainda reconstituir qualquer perfil completo – possuíssem um cordão medial. A maior parte dos cordões, porém, sugere a existência de vasos de armazenamento de grandes dimensões, bojudas olas ou talhas, para as quais, contudo, parecem escassear os bordos e fundos, que similarmente deveriam destacar-se pelo tamanho.

Um segundo grande grupo ornamental é constituído pela presença de linhas incisivas horizontais e meandros ondulados, não raro associados na mesma peça. É conhecida a estima dos oleiros medievos pelas linhas onduladas, sobretudo para a decoração de painéis, como se documenta em muitos sítios deste ambiente cronológico, servindo as incisões lineares para acentuar bandas ou demarcar a separação entre colo e bojo. Frequentemente, as peças exibem um estriado fino, mais ou menos regular, que poderá considerar-se efeito decorativo ou mero resultado de alisamento da pasta argilosa no acto da modelação. As decorações com linhas incisivas, sobretudo quando associadas a meandros, parecem corresponder em muitos casos às formas que designamos como painéis (Figs. 5 e 11, nºs 1 e 2), se bem que seguramente possam ter estado presentes, como pontualmente se verifica, em outras formas do vasilhame cerâmico.

Outros géneros de decoração são raros ou pontuais, documentando-se por exemplo peças com decoração brunida ou “espatulada”, bandas com motivos impressos, puncionamentos circulares alinhados (Fig. 11, nº 3), incisões cruzadas, um fragmento com mamilo e alguns recipientes, de paredes pouco espessas e tratamento de superfícies mais cuidado, com pequenos orifícios, aparentemente para suspensão, cuja forma não é por enquanto perceptível. Merece ainda nota a localização de um fragmento de bordo com gargalo, de pequeno diâmetro, com restos de um revestimento vidrado verde amarelado, proveniente da camada (02), peça de indubitável aspecto arcaico cuja presença em Valinhas não é de fácil contextualização, devendo observar-se que a ocorrência relativamente esporádica de louças vidradas em estações pleno-medievais galegas foi interpretada como testemunho de importações andaluzes de finais do séc. XII ou inícios da centúria seguinte (SUÁREZ *et al.* 1989:289).

¹⁹ Efectivamente, detectámos apenas dois ou três fragmentos, entre os contextos não estudados, que parecem exibir cordões plásticos aplicados verticalmente na parede dos vasos.

ELEMENTOS PARA UM QUADRO FORMAL

A reconstituição do repertório formal da olaria medieval do Castelo de Arouca é uma tarefa para a qual apenas encetámos os primeiros passos. Foi já possível, no entanto, reconhecer um conjunto de peças, com perfil mais ou menos completo, que servem de referência para a prossecução dos estudos e possibilitam uma reflexão mais fundamentada sobre a cronologia do sítio e do conjunto cerâmico em apreço.

A questão da terminologia dos recipientes, já discutida com base em fontes documentais e etnográficas por diversos Autores²⁰, não se nos colocou de modo particular. Utilizamos, por ora, a nomenclatura mais corrente em trabalhos sobre cerâmicas desta época, se bem que algumas designações, sobretudo para as formas abertas, sejam pouco claras e nada consensuais nas diversas publicações, carecendo talvez de revisão crítica.

O elenco de peças já identificadas inclui panelas, jarros e potes e, entre as formas abertas, alguidares, pratos e pratéis. Como já ficou claro, estaremos talvez longe de atingir um inventário completo de tipos de recipientes, presentindo-se outras formas a partir de alguns elementos morfológicos e decorativos, designadamente púcaros ou jarros de menor tamanho, uma maior variedade de potes e por certo algumas talhas de dimensões apreciáveis, com panças dotadas de cordões plásticos de reforço. Entre as ausências mais evidentes, por comparação com conjuntos cerâmicos análogos, devemos notar os testos ou tampas, forma da qual por ora parece não existir qualquer fragmento na olaria de Valinhas.

1. Panelas

As olas ou panelas são formas mais ou menos globulares, frequentemente de perfil em S com o bordo bastante revirado para o exterior, podendo possuir ou não asas. A sua decoração assenta principalmente em linhas incisadas, horizontais, muitas vezes onduladas (Figs. 5 e 11, nºs 1 e 2), se bem que estejam presentes também os cordões plásticos.

Constituindo louça de cozinha, o que se revela nos vestígios de fumigado de algumas peças, as panelas parecem compor o conjunto formal largamente maioritário, à semelhança do que sucede em contextos coevos, como por exemplo no Baldoeiro e em Santa Cruz da Vilariça (Torre de Moncorvo), onde as panelas representam respectivamente 55 e 53% dos conjuntos cerâmicos (Rodrigues 1994; Rodrigues; Rebanda 1995; 1998).

Como indicador cronológico são peças pouco relevantes, dada a sua grande expansão e perduração no tempo, aparecendo datadas na bibliografia, pelo menos, entre os séculos XI e XIV (Almeida *et al.* 1981; Barroca; Morais 1986; Barroca 1988; Fontes; Regalo 1997). Curiosamente, no catálogo do grupo cerâmico “grés” das louças comuns de Conimbriga (Alarcão 1974), cuja datação essencialmente medieval é hoje reconhecida por muitos especialistas, estão praticamente ausentes panelas como as que aqui ilustramos, o que talvez suscite alguma reflexão, quer do ponto de vista das eventuais especificidades regionais, quer na óptica da cronologia.

As peças representadas (Fig. 11, nº 1 e 2), com ligeiras diferenças na morfologia do bordo e na organização decorativa, são provenientes da camada (00a)²¹.

2. Potes

Grupo ainda mal conhecido, corresponde a recipientes de armazenamento, mais do que de cozinha. Dentro deste grupo poderão inserir-se formas de dimensões diversas e tipologia provavelmente variável, a meio caminho entre as panelas, das quais se distinguem claramente

²⁰ Ver por exemplo Alarcão 1974, Rodrigues 1994 e Barroca 1993.

²¹ Uma ficha descritiva da segunda (Fig. 11-2) encontra-se publicada em Silva 2004:347, sendo a peça também ilustrada em Silva; Ribeiro 1999:374.

pela morfologia do bordo, e as grandes talhas de armazenamento.

O exemplar ilustrado (Fig. 11, nº 3)²², resultante da camada (02) e que parece caso singular em Valinhas, é decorado com uma fiada de puncionamentos circulares no ombro, separado do colo alto e contraído por uma pestana ou cordão saliente.

Não encontrámos nas peças medievais publicadas nos trabalhos constantes da bibliografia qualquer paralelo evidente para esta forma, sobretudo pelo pormenor da pequena pala sob o bordo, se bem que alguns dos potes ou “depósitos” com estribo recolhidos em Conimbriga aparentem vagas semelhanças (Alarcão 1974: Est. XLV). Sugerimos já (Silva 2004:346) o eventual paralelismo deste pote arouquense com os “potes meleiros” conhecidos desde época romana até aos registos etnográficos contemporâneos (Delgado 1997), mas não é de todo claro que a aba existente no pote de Valinhas (de que aliás só possuímos parte do bordo) servisse a funcionalidade das pestanas dos “potes meleiros” (conter um pequeno fio de água que impedisse as formigas de atingir o mel), podendo constituir mero recurso ornamental ou até ter outra finalidade (por exemplo, facilitar a atadura de qualquer pano ou outro material maleável que pudesse cobrir o pote).

3. Jarros

Contentores de líquidos, os jarros distinguem-se naturalmente pelo menor diâmetro de boca, um colo mais ou menos alto e pela presença, que parece quase sistemática, de asas de fita. Não foi ainda reconstituída qualquer forma de perfil completo, mas parecem relativamente frequentes os jarros de boca trilobulada, como já vimos. O exemplar que apresentamos (Fig. 12, nº 1) pertence à camada (00a). É uma peça aparentemente de grandes dimensões que tem no colo, alto, uma espécie de colarinho com uma incisão ondulada, terminado superiormente por um cordão anelado²³.

Este tipo de jarros é bastante comum em estações de cronologia pleno-medieval, como Santo Estêvão da Facha (Almeida *et al.* 1981), Baldoeiro e Vilariça (Rodrigues 1994) e Conimbriga (Alarcão 1974), se bem que aqui com módulo geralmente pequeno.

A sua datação parece oscilar entre os séculos XI e XIII, como foi apontado, genericamente, em relação à ocorrência desta forma em sítios da Galiza (Suárez *et al.* 1989). A análise comparativa da sua representatividade em duas estações próximas mas de cronologia sequencial, Baldoeiro (sécs. XI-XIII) e Santa Cruz da Vilariça (XIII-XIV), permitiu avançar que se tratará, pelo menos na região de Moncorvo, de uma forma arcaizante (por serem mais abundantes no Baldoeiro)²⁴, se bem que se considere a decoração com cordões lisos “anelados” um indício mais tardio, situado em finais do séc. XIII (Rodrigues 1994:61; Rodrigues; Rebanda 1995, 1998). A presença destes jarros de “bico lobulado” e dotados de cordões anelados na Facha levou os autores da intervenção a aventar, considerando paralelos britânicos, uma cronologia mais do século XIII que do XII, se bem que com dúvidas (Almeida *et al.* 1981:25).

4. Alguidares de fundo em disco

Sob esta designação classificou-se um tipo de recipientes abertos, de paredes direitas e esvasadas, cuja característica mais notória é a sapata ou base plana saliente, garantindo maior estabilidade à peça. Não foi ainda possível reconstituir qualquer perfil completo desta forma, mas os fundos, por vezes com orifício de vazamento, são relativamente frequentes, apresentando muitas vezes decorações digitadas (Fig. 9). Num ou outro caso, estas bacias ou alguidares exibem

²² Apresentado também em Silva; Ribeiro 1999:374, com descrição em Silva 2004:346.

²³ Também esta peça foi noticiada nas obras citadas na nota anterior, mas entretanto foram feitas novas colagens, pelo que o exemplar está agora mais completo, revendo-se por isso o desenho publicado naqueles trabalhos.

²⁴ A cronologia dos materiais desta estação é contudo um pouco problemática, como os responsáveis pela intervenção reconhecem, uma vez que os níveis escavados, genericamente dos séculos XII/inícios XIII, podem conter materiais anteriores, do séc. XI (Rodrigues; Rebanda 1995:55,58).

decoreção relevada no interior, designadamente de padrão radial, como no exemplar ilustrado em desenho (Fig. 12, nº 2)²⁵, que provém da camada (O2). A funcionalidade destes vasos, provavelmente relacionados com a preparação de alimentos, levanta muitas dúvidas, sobretudo tendo em conta o orifício de vazamento que muitos apresentam e a existência de cordões plásticos aplicados no interior dos fundos, que podem ser meramente ornamentais ou destinar-se a causar maior atrito para a trituração de quaisquer géneros alimentares.

São peças bastante recorrentes em contextos medievais do Norte e Centro de Portugal (Alarcão 1974; Almeida *et al.* 1981; Barroca; Morais 1986; Barroca 1988; Rodrigues 1994; Rodrigues; Rebanda 1995, 1998; Marques 2000; Osório 2005; Silva *et al.* no prelo), aparecendo também na Galiza (Suárez *et al.* 1989) e em Leão (Martín; Lárren 1991).

A cronologia exacta destes alguidares é ainda problemática, podendo ter sido produzidos, considerando a bibliografia, pelo menos desde o séc. XI até, porventura, aos inícios do séc. XIV²⁶, considerando como medievais a vasta colecção de Conimbriga, naturalmente. Com efeito, entre a louça de grés daquela antiga cidade romana, J. Alarcão (1974:112-118, Est. XXXVI ss.) catalogou mais de meia centena destas formas, cujos contextos de proveniência datou entre a época tardo-romana e o período suevo-visigótico, se bem que a muitas peças não atribua cronologia (*Idem*: 164-5)²⁷.

Uma das datações mais altas para estes vasos²⁸ é a sugerida por Mário Barroca, que recorre à presença de fundos em disco como um dos elementos para situar a primeira fase construtiva do castelo de Matos (Baião) em meados do séc. XI (1988:164). Todavia, o recente achado de alguns exemplares desta forma associados ao horizonte de ocupação medieval do sítio, de origem romana, da Malafaia (Arouca), pode fazer recuar um pouco mais a sua cronologia, atendendo a que uma análise preliminar de datações de radiocarbono parece situar entre os séculos IX e X o limite superior dessa reocupação medievais (Silva *et al.* no prelo)²⁹.

A época apontada para a ocorrência destas peças em Santo Estêvão da Facha (Ponte de Lima) balança entre o séc. XII e a 1ª metade do XIII, se bem que sejam preferencialmente atribuídas à fase mais antiga, do séc. XII (Almeida *et al.* 1981:26).

Nos sítios arqueológicos de Torre de Moncorvo que temos vindo a citar, este género de alguidares parece ser relativamente tardio. No Baldoeiro, dos oito alguidares reconhecidos, apenas dois são de base em disco, pertencendo ambos à fase II da estação (2ª metade séc. XII); em Santa Cruz da Vilariça, por sua vez, há pelo menos dois fundos em disco correspondentes à fase III, de finais do séc. XIII/inícios XIV (Rodrigues 1994; Rodrigues; Rebanda 1995; 1998).

No Castelo de Aguiar da Pena (Vila Pouca de Aguiar) ocorreram dois exemplares, com uma datação imprecisa, pois embora a maior parte dos níveis arqueológicos se situem entre a 2ª metade do séc. XIV e o séc. XV, os próprios autores advertem que os depósitos podem incluir materiais anteriores relacionados com a fortificação original, de finais do séc. XII/inícios XIII (Barroca; Morais 1986). As recentes escavações arqueológicas no Castelo de Belmonte proporcionaram também pelo menos um fundo desta tipologia, aparentemente decorado com dedadas na aba, para o qual é adiantada uma cronologia entre os séculos XII e XIII (Marques 2000:279). De tipologia similar parece ser o alguidar aparecido no Sabugal Velho, datado do séc. XIII (Osório 2005).

²⁵ Ilustrado em Silva; Ribeiro 1999:374 e descrito em Silva 2004:347.

²⁶ Peças afins aparecidas numa escavação na Catedral de Zamora foram datadas, globalmente, dos sécs. XIV-XVI (Martín; Larréna 1991:267, cit. por Rodrigues; Rebanda 1998:104), mas não nos parece, pela nossa parte, que possam efectivamente ultrapassar o séc. XIV.

²⁷ Não obstante o enquadramento cronológico dos contextos de procedência de muitas das peças, J. Alarcão admite que a datação de algumas, a avaliar pelos tipos e decorações, possa chegar ao séc. XII, por paralelos de recolhas em outras estações (Alarcão 1974:113). Em revisão recente, o mesmo A. reequaciona a cronologia dos alguidares com fundo em disco, admitindo uma cronologia que situa genericamente em torno do séc. VI (Alarcão 2004:105-11).

²⁸ Considerando apenas a particularidade de possuírem fundos em disco, independentemente da decoreção que apresentem, dimensões ou outros aspectos morfológicos.

²⁹ Estas datações, feitas também no Instituto Tecnológico e Nuclear, encontram-se na mesma situação das indicadas na nota 12.

5. Pratos e pratéis

A existência de três formas abertas e planas identificáveis como pratos ou pratéis é um elemento curioso no conjunto cerâmico de Valinhas, por serem peças algo raras nestes contextos.

O exemplar globalmente mais pequeno (Fig. 10, nº 1), exumado na camada (01), apresenta paredes muito levemente esvasadas, com espessamento interior no contacto com o fundo, que é plano, possuindo diâmetro de boca de 11.6 cm e apenas 2.4 cm de altura. Um segundo tipo (Fig. 10, nº 2), recolhido na camada (02), igualmente de fundo plano, tem paredes mais altas (4 cm), de perfil um pouco convexo e bordo reentrante, sendo ainda menor que o anterior no diâmetro da abertura (10.4 cm). Bem diferente dos precedentes é o terceiro recipiente (Fig. 10, nº 3), da mesma camada (02), uma peça também de fundo plano, mas com paredes altas (7.1 cm) e claramente esvasadas, de pequena inflexão subvertical próximo ao bordo recto. É um recipiente relativamente largo, medindo 28 cm o diâmetro da boca. Deve notar-se que a forma destes vasos foi reconstituída com base em pequenos fragmentos, não sendo por isso possível averiguar a eventual presença de asas, bicos ou qualquer outro detalhe morfológico.

Como se disse, este género de formas é relativamente raro, não se documentando, por exemplo, nos espólios do Castelo de Penafiel de Bastuços, Braga (Fontes; Regalo 1997), nos castelos de Matos (Barroca 1988) e Aguiar da Pena (Barroca; Morais 1986) ou na Facha (Almeida *et al.* 1981).

Nas estações onde ocorrem pratos, estes parecem sempre constituir um grupo muito pouco representativo e de datação tardia. Aparece apenas um exemplar no Baldoeiro, mais alto e maior que o mais pequeno de Valinhas, de cronologia indefinida, se bem que aparentemente anterior à segunda metade do séc. XII (Rodrigues 1994:38). Na Vilariça há oito pratos (2% das formas reconhecidas), muito baixos (alt. entre 1.5 e 2 cm) e com diâmetros de abertura entre os 18 e os 20 cm, apresentando todos eles decoração no bordo e por vezes no interior da parede (*Idem*: 55), datando-se essencialmente de finais do séc. XIII/inícios XIV. Em Ervamoira, Vila Nova de Foz Côa, apareceu também um prato sobre uma lareira, datado do séc. XIII, de morfologia aparentada com os pratéis de Valinhas mas diâmetro bastante superior (Guimarães 1999:383,388; 2000).

Entre as cerâmicas de grés de Conimbriga, J. Alarcão ilustra uma forma, a que chama “tacho”, que parece ter grandes semelhanças, na morfologia e dimensões, com o pratel mais alto de Arouca (Fig. 10, nº 2). A peça, inventariada com o nº 721 e dada como procedente de contextos do séc. V (Alarcão 1974:113, Est. XXXV), é apenas ligeiramente mais larga e alta que a de Valinhas (13 cm de diâmetro de boca e 4,7 cm de altura). Recipientes também designados como tachos surgem na Vilariça e no Baldoeiro (Rodrigues 1994:39,56), sendo ilustradas pelo Autor apenas os da primeira estação, que apresentam escassa similitude com a peça que estamos a analisar, salientando aquele autor, a propósito, a sua raridade no Noroeste peninsular (*Idem*: 17).

Estes pratinhos covos, ou pratéis, como preferimos designá-los, de pequeno diâmetro e altura e paredes quase verticais ou mesmo reentrantes (Fig. 10, nºs 1 e 2), aproximam-se bastante, na forma e nas dimensões, de um conjunto de peças aparecidas em Zamora e sobretudo em Puente Castro, Leão, que diferentes autores têm vindo a classificar como *platitos* e sobretudo como *candis* para iluminação, tendo em conta que muitos apresentam um pequeno bico no bordo. Os exemplares de Zamora estão datados, genericamente, entre os séculos XII e XIV (Larrén; Turina 1988; Larrén 1989; Turina 1994:97-101), enquanto o conjunto do Castro de la Mota, em Puente Castro, mais significativo e mais próximo das nossas peças, se atribui ao período entre os séculos XI-XIII (Gutiérrez; Benítez 1989:234-5,247) ou mais precisamente à segunda metade do séc. XII (Bohigas; Garcia 1991:73). O pequeno tamanho dos fragmentos de Valinhas não permitiu detectar qualquer outro pormenor morfológico nem avançar mais, por ora, nestes hipotéticos paralelismos, quer se admita a sua interpretação como *candis*, quer se lhes atribua função para o consumo de alimentos, à mesa ou na mão, como se fossem pequenas *malgas*.

No que respeita ao “prato covo” maior (Fig. 10, nº 3) identificado no Castelo de Arouca, não abundam também as analogias nas estações do Centro e Norte de Portugal. Na Vilarica, a peças de dimensões similares, se bem que diferentes na tipologia, chama-se *taças* (Rodrigues 1994:104), classificando Alarcão recipientes bem mais parecidos com o nosso sob a designação de *frigideiras* (1974:Est.XXXV), porventura adoptando o termo mais tradicional no âmbito da olaria romana. Mas não será a peça de Valinhas apenas uma espécie de alguidar sem fundo em disco?

A escassez destes vasos baixos e abertos nos contextos arqueológicos do Norte contrasta, naturalmente, com o que se passa nos ambientes islâmicos meridionais, onde tais formas estão bem documentadas, datando-se precisamente por volta do séc. XI, como sucede com as *taças* exumadas na península de Setúbal (Fernandes 2001:192) ou com as *tigelas* ou *caçoilas* provenientes de Santarém (Ramalho *et al.* 2001:174), de evidente similitude com o exemplar arouquense. Naturalmente, se para além da geografia e do enquadramento cultural, procurarmos raízes ou filiações mais longínquas para este tipo de formas, encontramos-as nomeadamente nos contextos cerâmicos visigóticos datados por volta do séc. VII, como é o caso do designado “grupo de Alicante” (C.E.V.PP. 1991:62-63), aliás de influência também meridional, que integra peças afins das que vimos considerando.

Desta forma, podemos concluir, como primeiro resultado deste estudo, que encontramos no Castelo de Arouca as formas e decorações típicas dos repertórios cerâmicos deste período, com paralelos noutros castelos roqueiros do Norte e Centro do País, sem prejuízo de especificidades pontuais ou outras que venham a detectar-se. No quadro desta primeira apresentação global, e tendo em conta a contextualização histórica do sítio, a observação preliminar das datações radiométricas e o restante espólio associado, pode considerar-se este conjunto cerâmico atribuível na sua generalidade ao período compreendido entre os séculos IX-X e o século XII.

BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, Jorge de (1974) – *Cerâmica Comum local e regional de Conimbriga*. Supl. “Biblos”, 8. Coimbra.
- Alarcão, Jorge de (2004) – “Conimbriga, 20 anos depois”. In Correia, Virgílio H. (ed.) – *Perspectivas sobre Conimbriga*. S.l.: Âncora Editora/Liga dos Amigos de Conimbriga, p. 97-114
- Almeida, Carlos A. F. (1978) – *Castelologia medieval de Entre-Douro-e-Minho. Desde as origens a 1220*. Dissert. compl. doutoramento apresentada à Fac. Letras Univ. Porto. Porto: dactilog.
- Almeida, Carlos A. F. (1992) – “Castelos medievais do Noroeste de Portugal”. In *Finis Terrae. Estudos em lembrança do Prof. Dr. Alberto Balil*. Santiago de Compostela: Univ. Santiago, p. 371-85.
- Almeida, Carlos Alberto F. [et al.] (1981) – *Escavações arqueológicas em Santo Estêvão da Facha*. Sep. “Arquivo de Ponte de Lima”, 3. Ponte de Lima.
- Arcelin, Patrice; Tuffreau-Libre, Marie [dir.] (1998) – *La quantification des céramiques. Conditions et protocole. Actes de la table-ronde (...) du Mont Beuvray*. Glux-en-Glenne: CAE (Bibracte, 2)
- Barreira, Paula [et al.] – “200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII”. In *2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: C. M. Tondela, p. 145-184
- Barroca, Mário J. (1987) – *Cerâmica Medieval do Noroeste de Portugal (Séculos XI a XV)*. Porto: Fac. Letras Univ. Porto. Relat. para provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Texto policop.
- Barroca, Mário J. (1988) – “A ocupação medieval em Castelo de Matos. Primeira abordagem”. *Arqueologia*, 17. Porto: GEAR, p.159-171
- Barroca, Mário J. (1991), “Do castelo da reconquista ao castelo românico (séc. IX a XII)”. *Portvgalia*, Nova Série, vol. XI-XII. Porto IAFLUP, 1990-1991, pp. 89-136
- Barroca, Mário J. (1993) – “Centros oleiros de Entre-Douro-e-Minho (Séc. XIII). Contributo para o seu inventário e cartografia”. *Arqueologia Medieval*. 2. Porto: Afrontamento, p.159-170.

- Barroca, Mário J.; Morais, A. J. C. (1986) – “A Terra e o Castelo – uma experiência arqueológica em Aguiar da Pena”. *Portvgalia*, Nova Série, 6-7, Porto: FLUP, p. 35-88
- Bohigas Roldan, R.; Garcia Camino, I. [coords.] (1991) – “Las ceramicas medievales del Norte y Noroeste de la Peninsula Iberica. Rasgos comunes y diferencias regionales”. In AA.VV. (1991) – *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental. Actas do 4º Congresso Internacional...* Mértola: C.A.M., p. 69-86
- Castro, Fernando (1998) – “A análise química como auxiliar na determinação de origem de fragmentos cerâmicos arqueológicos”. *Olaria. Estudos arqueológicos, históricos e etnológicos*. 2. Barcelos: C. M. Barcelos, p. 125-130
- C.E.V.PP (1991) – “Ceramicas de epoca visigoda en la Peninsula Iberica. Precedentes y perduraciones”. In AA.VV. (1991) – *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental. Actas do 4º Congresso Internacional...* Mértola: C.A.M., p. 49-67
- Coelho, Maria Helena C. (1988) – *O Mosteiro de Arouca do século X ao século XIII*. Arouca: C.M.A. [Ed. orig. 1977].
- Delgado, Manuela (1997) – “Potes meleiros de *Bracara Augusta*”. *Portvgalia*. Nova Série, 17-18. Porto: FLUP, 1996-1997, p.149-165
- Fernandes, A. de Almeida (1965) – *Arouca na Idade Média Pré-Nacional*. Sep. dos vols. 30-31 do “Arquivo do Distrito de Aveiro”. Aveiro.
- Fernandes, A. de Almeida; Silva, F. (1995) – *Toponímia arouquense*. Arouca: ADCA.
- Fernandes, Isabel; Gomes, Paulo D. [coord.] (1998) – “Cerâmica Medieval e Moderna no Norte de Portugal: ponto da situação e problemática – Mesa Redonda”. In *2ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: C. M. Tondela, p. 457-483
- Fernandes, Isabel C. F. (2001) – “A Península de Setúbal em época islâmica”. *Arqueologia Medieval*, 7, Porto: Afrontamento, p. 185-196
- Fontes, Luís (1998) – “Alguns estudos de cerâmica medieval no norte de Portugal. Uma aproximação crítica”. In *2ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: C. M. Tondela, p. 469-472
- Fontes, Luis F.; Regalo, Henrique A. (1997) – “O «Castelo» de Penafiel de Bastuço, Paços de S. Julião, Braga. Elementos para o seu estudo”. *Arqueologia Medieval*, 5, Porto: Afrontamento, p. 199-220.
- Guimarães, Joaquim A. Gonçalves (1999) – “Cerâmica arqueológica do Museu de Ermamoira”. In *Carlos Alberto Ferreira de Almeida - In memoriam 1*. Porto: Fac. Letras Univ. do Porto, p. 377-389
- Guimarães, Joaquim A. Gonçalves (2000) – “Cerâmica romana e medieval de Ermamoira”. In Ferreira, M. C. [et al.] (eds.) – *Beira Interior. História e Património. Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda: C. M. Guarda, p. 171-184
- Gutiérrez González, J. A.; Benítez González, C. (1989) – “La Cerámica medieval en León”. In Gutiérrez; Bohigas 1989, p. 211-260
- Gutiérrez González, J. A.; Bohigas Roldán, R. [eds.] (1989) – *La Cerámica Medieval en el Norte y Noroeste de la Peninsula Ibérica. Aproximación a su estudio*. Leon: Univ. Leon.
- Larrén Izquierdo, Hortensia (1989) – “Notas sobre cerâmica medieval de la Provincia de Zamora”. In Gutiérrez; Bohigas 1989, p. 261-284
- Larrén Izquierdo, Hortensia; Turina Gómez, A. (1998) – “Caracterización y tipología de la cerámica medieval de la Provincia de Zamora, siglos XI-XIV”. In *2ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: C. M. Tondela, p. 81-89
- Lima, António M. C. (1993) – “Castelos Medievais do Curso Terminal do Douro (Séc. IX-XII)”. Dissert. mestrado apresent. à Fac. Letras Univ. Porto. 2 vols. Porto: dactil.
- Lima, António M. C. (1999) – “O território Anegia e a organização administrativa e militar do curso terminal do Douro (Séculos IX-XII)”. In *Carlos Alberto Ferreira de Almeida - In memoriam 1*. Porto: FLUP, p. 399-413

- Lima, António M. C. (2004) – “Arouca medieval: uma abordagem arqueológica”. In Silva, António Manuel S. P. [coord.] (2004) – *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca: C. M. Arouca, 2004, p. 306-335.
- Marques, António A. C. (2000) – “Escavações arqueológicas no Castelo de Belmonte (1992-1995). in Ferreira, M. C. [et al.] [eds.] – *Beira Interior. História e Património. Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda: C. M. Guarda, p. 253-286
- Martín Aija, A. M.; Lárren Izquierdo, H. (1991) – “Seguimiento arqueológico en el Atrio de la Catedral de Zamora”. *Anuario del Instituto de Estudios Zamoranos “Florián de Ocampo”*. Zamora, p. 255-267
- Moreno-García, Marta (2004) – *Estudo arqueozoológico dos níveis medievais do Sector “A” do Castelo de Arouca (Aveiro)*. “Trabalhos do CIPA”, 64. Lisboa: IPA/CIPA.
- Osório, Marcos (2005) – “Sabugal Velho: um povoado, duas ocupações”. In *Catálogo da Exposição 25 Sítios Arqueológicos da Beira Interior*. Trancoso: ARA, p. 31,55
- PMH-DC, *Portugalia Monumenta Historica - Diplomata et Chartae*. Lisboa: Academia das Ciências, 1867.
- Ramalho, Maria M. [et al.] (2001) – “Vestígios da Santarém islâmica – Um silo no Convento de S. Francisco”, *Arqueologia Medieval*. 7. Porto: Afrontamento, p. 147-183
- Rodrigues, Miguel A. (1994) – *Cerâmicas medievais da região de Moncorvo (Sécs. XII-XIII)*. Dissert. mestrado apresent. à Fac. Letras Univ. Porto. Porto: dactilog.
- Rodrigues, Miguel A. (1998) – “Análise da bibliografia sobre cerâmica medieval do Norte e Centro de Portugal”. In *2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: C. M. Tondela, p. 465-467
- Rodrigues, Miguel A.; Rebanda, Nelson (1995) – “Cerâmicas medievais do Baldoeiro (Adeganha – Torre de Moncorvo)”. In *1^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: C. M. Tondela, p. 51-66
- Rodrigues, Miguel A.; Rebanda, Nelson (1998) – “Cerâmicas medievais do povoado desertificado de Sta. Cruz da Vilariça”. In *2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: C. M. Tondela, p. 101-126
- Silva, António Manuel S. P. (1994) – *Proto-história e romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Dissert. mestrado apresent. à Fac. Letras Univ. Porto. Porto: dactilog.
- Silva, António Manuel S. P. (1995) – “Escavações arqueológicas em S. João de Valinhas. Do primitivo castro ao castelo de Arouca”. *Polígrafia*, 4. Arouca: CEDPB, p. 199-220.
- Silva, António Manuel S. P. (2003) – “O projecto PAIVAR, um plano de investigação arqueológica de âmbito regional”. *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património*, 1^a Série (2). Porto: FLUP, p. 199-222
- Silva, António Manuel S. P. [coord.] (2004) – *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca: C. M. Arouca
- Silva, António Manuel S. P.; Ribeiro, Manuela C. S. (1999) – “A intervenção arqueológica em S. João de Valinhas (Arouca, Aveiro). Do povoado castrejo ao castelo da Terra de Arouca”. In *Carlos Alberto Ferreira de Almeida - In memoriam*. 2. Porto: FLUP, p. 363-374.
- Silva, António Manuel S. P. [et al.] (2000) – “Elementos paleometalúrgicos do Castelo de Valinhas (Arouca, Portugal)”. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Vol. 9. Porto: ADECAP, p. 173-197
- Silva, António Manuel S. P. [et al.] (no prelo) – “La estación romana de Malafaia, en el extremo Noroeste de la Lusitania”. In *Actas do VIII Congreso de Arqueología de Gijón*. Madrid.
- Silva, Filomeno A. S. (1999) – *Em redor do topónimo Arouca*. Arouca: ADPA
- Suárez Otero, José [et al.] (1989) – “La cerâmica medieval en Galicia”. In *Gutiérrez; Bohigas 1989*, p. 285-301
- Teixeira, Ricardo; Dordio, Paulo (1998) – “Como pôr ordem em 500 000 fragmentos de cerâmica? Ou Discussão da metodologia de estudo da cerâmica na intervenção arqueológica da Casa do Infante (Porto). *Olaria. Estudos arqueológicos, históricos e etnológicos*. 2. Barcelos: C. M. Barcelos, p. 115-124
- Turina Gómez, Araceli (1994) – *Cerâmica medieval y moderna de Zamora*. [Arqueología en Castilla y León. Monografías”, 1]. S.l. [Zamora]: Junta de Castilla y León.



Fig. 1 Implantação do Castro de Valinhas/Castelo de Arouca na Carta Militar de Portugal. Folha nº 145. Escala original 1:25 000.



Fig. 2 Elevação onde se situa o castelo, com grande dominância visual sobre o vale de Arouca, localizado a Sul.



Fig. 3 Aspecto do “caos de blocos” granítico onde foi edificado o castelo.



Fig. 4 Perspectiva geral das sondagens no topo do castelo (1996).

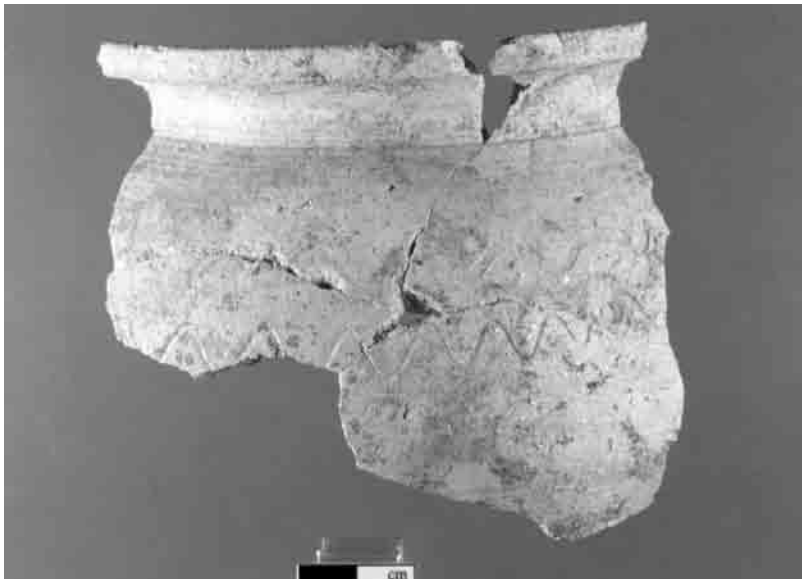


Fig. 5 Fragmentos de uma panela decorada com uma linha incisa ondulada.

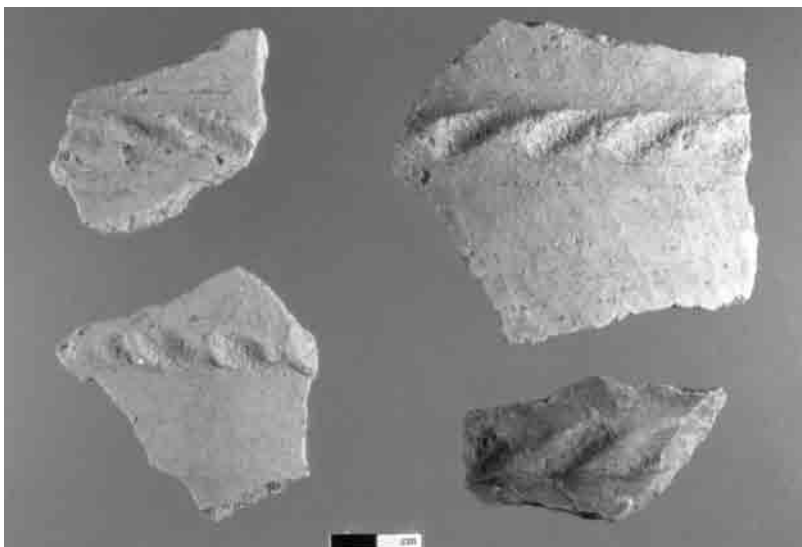


Fig. 6 Fragmentos cerâmicos decorados com cordões plásticos horizontais.



Fig. 7 Fragmentos cerâmicos decorados com cordões plásticos impressos com digitações.

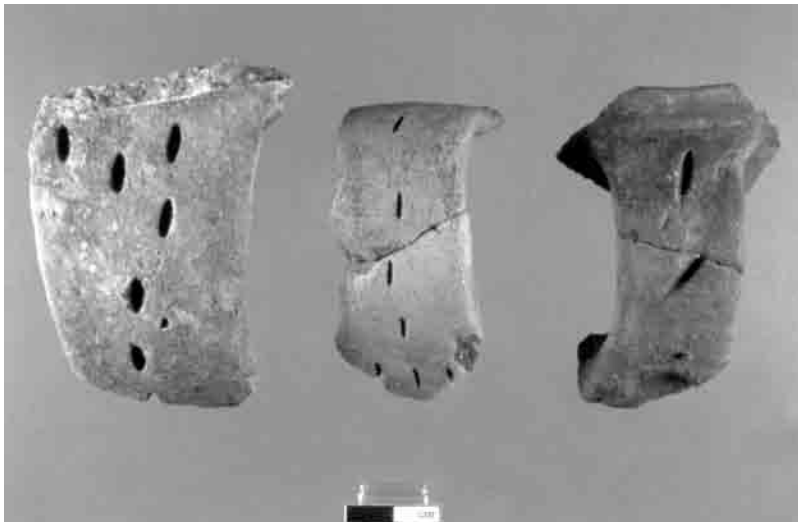


Fig. 8 Asas, decoradas com puncionamentos oblongos.



Fig. 9 Fragmentos de fundos em disco, com abas decoradas com impressões digitadas.

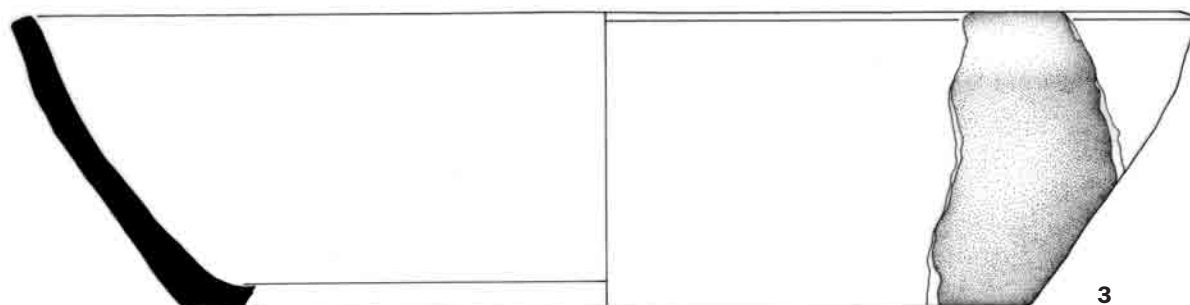
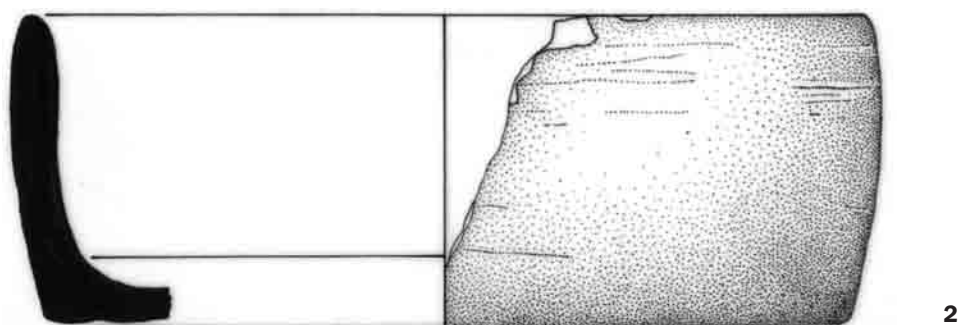
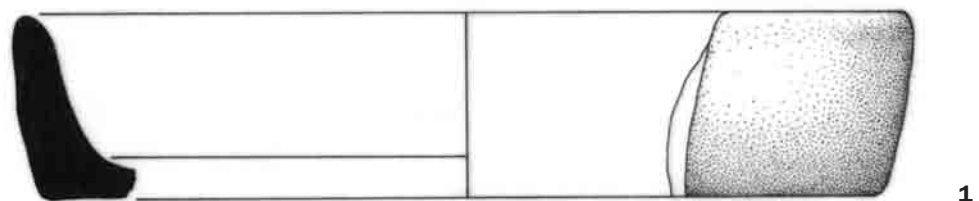


Fig. 10 1. Pratel (UE 081, Camada 01). 2. Pratel (UE 134, Cam. 02). 3. Prato covo (UE 136, Cam. 02). Desenhos de Sara Costa.

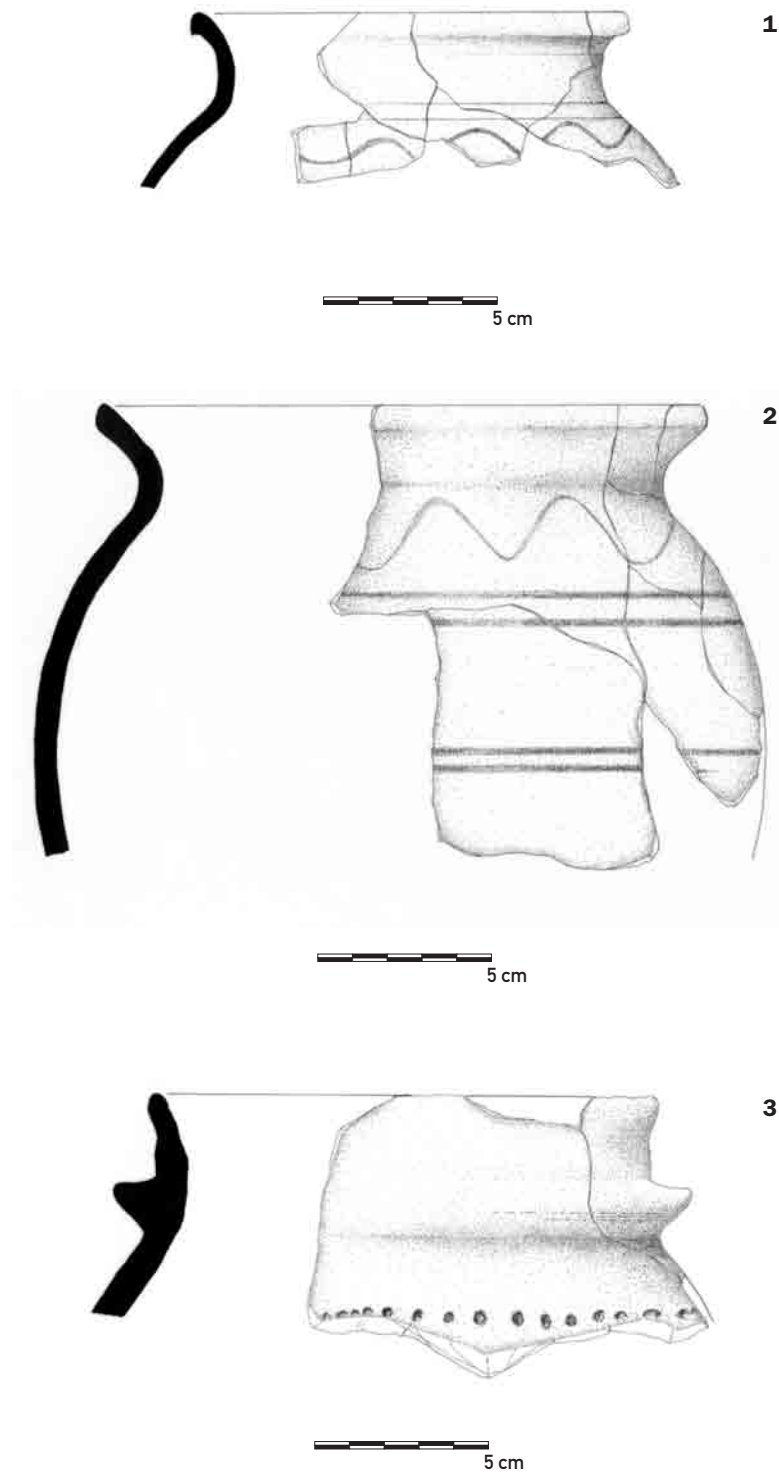
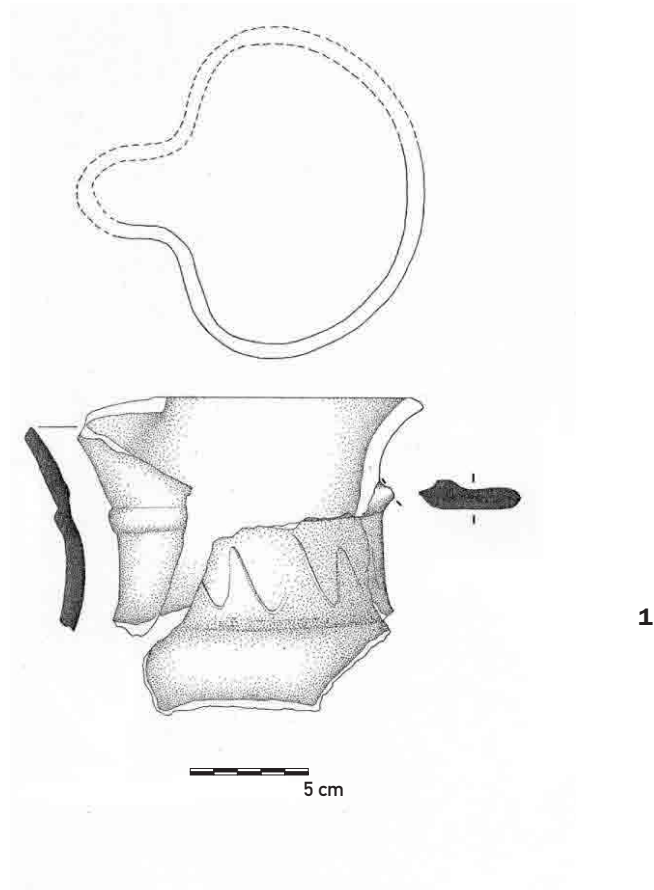
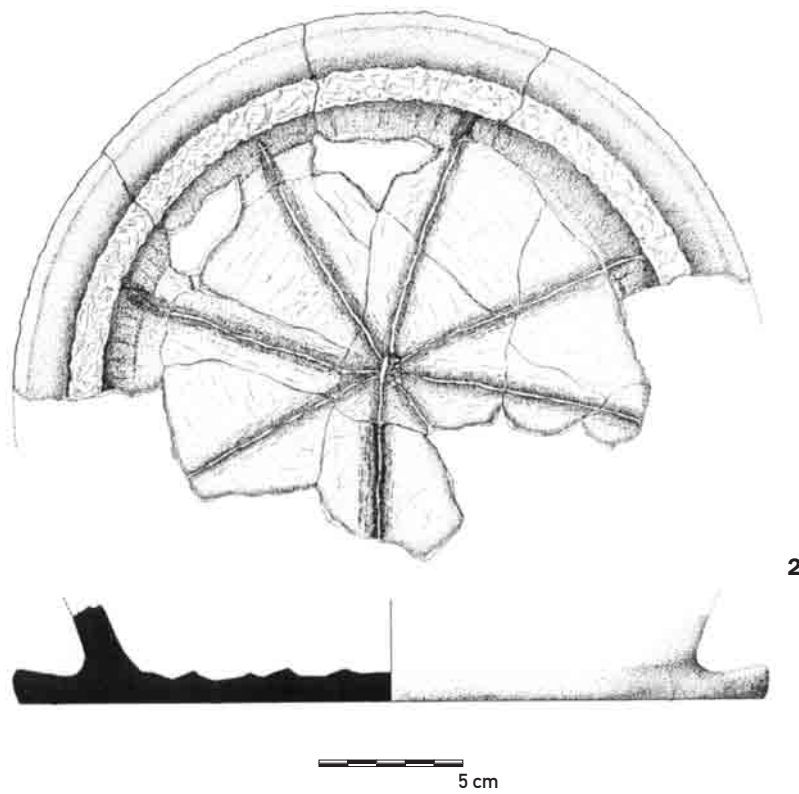


Fig. 11 1. Panela (UE 151, Camada 00a). 2. Panela (UE 114/151, Cam. 00a). 3. Pote (UE 134, Cam. 02).
Desenhos de Maria José Santos.



1



2

Fig. 12 1. Jarro de bocal trilobado (UE 151/143, Cam. 00a). 2. Alguidar de fundo em disco (UE 134/136, Cam. 02). Desenhos de Sara Costa (1) e Maria José Santos (2).